

# ADAPTAÇÕES DA PRÁTICA DE ENSINO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A PARTICIPAÇÃO E INTERAÇÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

JULIANA SILVA DOS SANTOS<sup>1</sup>; CALLEB RANGEL DE OLIVEIRA<sup>2</sup>; SIGLIA PIMENTEL HÖHER CAMARGO<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – juh\_1.msn@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – kaka\_rangel\_@hotmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – sigliahoher@yahoo.com.br

## 1. INTRODUÇÃO

A disciplina de Educação Física é um componente curricular obrigatório na escola de ensino regular, que propicia o desenvolvimento motor dos alunos, além dos aspectos cognitivos, sociais e afetivos e por isso torna-se importante no processo de inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA, RODRIGUES, 2015).

Crianças e adolescentes com TEA possuem comprometimento nas áreas de comportamento, comunicação e interação social (DSM-V, 2014) e por apresentarem essas características podem gerar desafios aos professores, por tentarem promover a inclusão desses indivíduos.

A literatura internacional (MENEAR; SMITH, 2011) enfatiza a importância de estratégias e adaptações das práticas de ensino para a inclusão de crianças com TEA, potencializando o desenvolvimento das habilidades comportamentais, comunicativas e sociais dessas crianças.

Neste contexto, o objetivo do estudo foi elaborar uma intervenção pedagógica que auxilie os professores de Educação Física a promoverem a inclusão de seus alunos com TEA, e verificar as contribuições desta intervenção para aumentar a participação e a frequência de interações dos alunos com TEA com os colegas nas aulas de Educação Física.

## 2. METODOLOGIA

Para a realização do estudo, foram selecionados 03 (três) alunos com TEA em situação de inclusão escolar nas aulas de Educação Física. Os critérios de inclusão no estudo foram alunos que possuísem diagnóstico médico de TEA e que se isolassem total ou parcialmente das aulas de Educação Física.

Através do método de pesquisa de caso único (*Single Case Research*), foi realizado um delineamento de bases múltiplas através de três participantes (*Multiple Baseline Design across participants*, ALBERTO e TROUTMAN, 2009), no qual são compreendidas duas fases: A- linha de base ou *baseline* (antes da intervenção) e B- intervenção. Para isso, foi realizada uma intervenção com o intuito de investigar a sua eficácia em duas variáveis dependentes: 1) o tempo de engajamento do aluno com TEA nas atividades como propostas pelos professores e 2) frequência de interações dos alunos com TEA com seus colegas e professor.

Foram pensadas, em conjunto com o(a) professor(a), adaptações e estratégias que eram compatíveis com as dificuldades apresentadas pelos alunos com TEA nas aulas de Educação Física e com o plano de ensino dos professores. Essas

adaptações foram aplicadas na segunda fase (intervenção) e os dados das variáveis foram coletados para identificar possíveis mudanças. A análise dos dados foi realizada a partir da análise visual, verificando a variabilidade, média e tendência dos dados.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo três alunos que estavam matriculados em turmas de 3º e 4º anos da rede municipal de Pelotas-RS.

As adaptações das práticas de ensino pensadas no período de intervenção, na fase B, envolveram instruções curtas e objetivas sobre como realizar a atividade; demonstração antes de cada atividade; relembrar a orientação da atividade de forma curta; chamar a atenção do aluno quando sair da atividade e redirecioná-lo; incentivar os colegas a interagirem com ele; realizar algumas atividades em duplas e reforçar sempre que possível a realização do aluno. Para o aluno 3, em específico, foram utilizados alguns recursos visuais e utilizado alguns de seus interesses restritos, afim de motivá-lo a participar da aula e interagir com os colegas e com o professor.

Durante a fase A (*baseline*) foram observadas as características dos alunos com TEA nas aulas de Educação Física. Na fase A (*baseline*) o aluno 1 participava das aulas de Educação Física, porém em alguns momentos se distraía e abandonava a atividade que estava sendo realizada. Em algumas atividades ele não compreendia as regras e não realizava a atividade como proposta pelo professor. A interação dele com os colegas acontecia na maioria das vezes com as meninas, e de forma afetuosa. Já o aluno 2, não participava regularmente, tinha preferência por atividades que não envolvessem interação com os colegas. Possuía grande proximidade pela cuidadora e respondia aos estímulos dela. O professor deste aluno foi substituído por um estagiário durante o estudo. O aluno 3 apresentava muitas estereotípias principalmente com as mãos, tinha uma fala bem difícil de ser compreendida. Este aluno era acompanhado sempre por uma cuidadora, com quem interagia mais. Ele também tinha interesses restritos, como Homem de Ferro e Minions.

Para os 03 (três) participantes, foram pensadas práticas pedagógicas em conjunto com os professores, considerando as características e necessidades de cada aluno. As propostas tiveram em comum adaptações simples como, por exemplo: instruções curtas e objetivas sobre como realizar a atividade; demonstração antes de cada atividade; relembrar a orientação da atividade de forma curta; chamar a atenção do aluno quando sair da atividade e redirecioná-lo; incentivar os colegas a interagirem com ele; realizar algumas atividades em duplas; reforçar sempre que possível a realização do aluno. Porém, para o aluno 3 foram utilizados alguns recursos visuais e utilizado alguns de seus interesses restritos, afim de motivá-lo a participar da aula e interagir com os colegas e com o professor.

A análise visual dos dados obtidos mostra que durante a fase *baseline*, para a variável de tempo de engajamento dos alunos com TEA nas atividades propostas pelos professores, os dados mostraram-se constantes para os participantes 2 e 3 e com uma tendência decrescente para o participante 1.

Durante a fase de intervenção, os dados mostraram-se com tendência crescente para todos os participantes, não apresentando sobreposição de dados para os participantes 2 e 3. Nos dois últimos participantes, a análise visual indica

que os dados não ou pouco variaram durante a fase *baseline* mostrando-se estáveis em baixos níveis de engajamento nas atividades propostas e durante a intervenção aumentaram. Assim, para ambos participantes, a análise visual demonstra uma mudança imediata na participação do aluno em aula durante a intervenção. Para o participante 1, essa mudança ocorre de forma gradativa.

As médias apresentadas pelos alunos durante a *baseline*, para a variável de tempo de engajamento dos alunos com TEA nas atividades como propostas pelos professores, teve o tempo de engajamento decrescente, com média de 16,1 minutos para o participante 1. O aluno 2, em fase de pré intervenção obteve dados estáveis, com a média 2,6 minutos de engajamento nas atividades. O aluno 3, também obteve dados estáveis e baixos na *baseline*, com a média de engajamento de 0,24 minutos.

Na fase de intervenção, ou seja, a fase em que estratégias para que o aluno permanecesse mais tempo na atividade foram colocadas em prática, realizando-a como proposta pelo professor, é possível perceber que todos os alunos tiveram aumento do tempo de engajamento, com médias de 22,1 , 22 e 16,5 minutos, respectivamente para o participante 1, 2 e 3.

A análise visual dos dados obtidos na segunda variável, sobre a frequência de interação dos alunos com autismo para com os colegas e professor(a), indica que houve mudanças entre as fases de *baseline* e intervenção para os três participantes, sendo mais expressiva para os participantes 2 e 3.

Para o participante 1, os dados apresentaram uma variabilidade entre as fases, sendo decrescente na fase *baseline* e crescente na intervenção, enquanto para os outros dois participantes, os dados foram baixos e constantes nas fases de *baseline* e apresentaram uma mudança rápida na intervenção, sendo crescente para o participante 3.

As médias apresentadas pelos participantes em fase de *baseline* foram de 17 interações para o participante 1; 1 interação para o participante 2, e 1,8 interações para o participante 3. Na fase de intervenção todos os alunos tiveram resultados positivos, ambos com aumento significativo no número de vezes que interagiram com seus colegas ou professor, com médias de 29,6, 17,5 e 22,6, respectivamente.

#### 4. CONCLUSÕES

Os dados obtidos revelam que as adaptações e estratégias pedagógicas pensadas a partir das especificidades de cada aluno, contribuem para o seu desenvolvimento e para a prática dos professores de Educação Física. É possível compreender as mudanças que ocorreram no tempo de engajamento dos alunos nas atividades e no número de interações entre os colegas e professor, e ressalta-se que para a melhora desses índices, foram utilizadas intervenções e adaptações simples, que não exigiram grandes mudanças na rotina das aulas e nem um esforço extracurricular do professor.

Conforme os resultados obtidos e o que a extensa literatura internacional demonstra, estratégias e práticas pedagógicas que venham ao encontro das necessidades dos alunos com TEA nas aulas de Educação Física são grandes aliadas para os professores e, conforme analisou-se neste estudo, também podem ser úteis no contexto educacional brasileiro. A inclusão pode ser mais simples e possível de ser realizada do que se pensa. No entanto, é preciso informação específica sobre possíveis adaptações e estratégias para promover o conhecimento sobre elas, bem como o engajamento dos professores para elaborar essas adaptações, sistematiza-las e coloca-las em prática.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTO, P. A; TROUTMAN, A. C. **Applied Behavior Analysis for Teachers**. 8<sup>th</sup> ed. Pearson, 482 páginas, 2009.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais-: DSM-5**. Artmed Editora, 2014.

MENEAR, K. S.; SMITH, S. Teaching Physical Education to Students with Autism Spectrum Disorders. **Strategies**, v. 24, n. 3, p.21-24, 2011.

RODRIGUES, I. V. **A importância da prática da Educação Física no Ensino Fundamental I**. 2013. Disponível em:  
<http://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/47188/a-importancia-da-pratica-da-educacao-fisica-no-ensino-fundamental-i>. Acesso em: 07 mai. 2015.